

## Maria Amélia Mello, “inventora de livros”, há 40 anos no mercado editorial

Rodrigo Simon de Moraes<sup>1</sup>

PASSAVA POUCO DAS NOVE DA NOITE de uma quinta-feira quando o ator Augusto Madeira entrou em cena e declarou: “puisque l'impossible accède à la catégorie du vrai à son tour peut accéder à la catégorie de l'impossible”. A epígrafe, de autoria do crítico e professor de cinema francês Henri Agel (1911-2008), abre o romance *O púcaro búlgaro*, predileto e último dos seis livros escritos por Campos de Carvalho (1916-1998)<sup>2</sup>.

Naquele 1º de junho de 2006 acontecia no Teatro Poeira, em Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro, a primeira apresentação da terceira e última parte da trilogia iniciada mais de 15 anos antes pelo diretor Aderbal Freire-Filho, primeiro com *A mulher carioca aos 22 anos*, de João de Minas (1896-1984), seguido de *O que diz Molero*, do português Dinis Molero (1930-2008).

É possível imaginar que depois de assistirem ao espetáculo, algumas das 200 pessoas da plateia tenham seguido até uma livraria para comprar um exemplar de *O púcaro búlgaro*. O que muitas talvez não imaginassem é que, pouco mais de uma década antes, a busca teria sido em vão.

Campos de Carvalho tornou-se conhecido em 1956, com *A lua vem da Ásia*, seguido de *Vaca de nariz sutil*, de 1961, *A chuva imóvel*, de 1963, e, por fim, *O púcaro búlgaro*, em 1964. Mas apesar do sucesso, “na segunda metade dos anos 1970, a nova geração já não sabia de sua existência e a anterior não se lembrava que ele tinha existido. Esgotadas as reedições, seus livros se tornaram raridade de colecionador”<sup>3</sup>.

Em setembro de 1994, Carlos Felipe Moisés (1942-2017) publicou no *Jornal da Tarde* um longo artigo em que dizia “não ser justo nem saudável, para nós, manter no esquecimento um escritor como Campos de Carvalho”<sup>4</sup>. Em *O Estado de S. Paulo*, dois meses depois, foi a vez de Mário Prata publicar “Onde andarás o primo Campos de Carvalho”: “sei de gente que xeroxa seus esgotados livros e

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp). E-mail: [rodrigo.simon@hotmail.com](mailto:rodrigo.simon@hotmail.com)

<sup>2</sup> CARVALHO, C. *O púcaro búlgaro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

<sup>3</sup> MOISÉS, C. Um autor marginal que de fato incomoda. In: CARVALHO, C. *A lua vem da Ásia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 9-15.

<sup>4</sup> MOISÉS, C. Estará Campos de Carvalho exilado na Bulgária?. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 4 de set. 1994. Caderno de Sábado, p. 4.

passa de mão em mão [...] Vou aproveitar esse finalzinho e sugerir ao Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras, que reedite todos os seus livros”<sup>5</sup>.

A sugestão, no entanto, não pôde ser acatada por Schwarz ou qualquer outra editora, em meio a uma verdadeira corrida para reencontrar Campos de Carvalho. É que, antes mesmo dos textos de Moisés e Prata serem publicados, uma jovem que acabara de assumir o comando de uma das mais tradicionais editoras brasileiras já utilizava sua experiência no jornalismo para encontrar o autor vivendo incógnito em um apartamento no bairro de Higienópolis, em São Paulo. Era o primeiro passo de Maria Amélia Mello em seu projeto de, à frente da José Olympio, resgatar autores esquecidos da literatura brasileira: Campos de Carvalho estava de volta à casa onde estreara quase 40 anos antes, com *A Lua vem da Ásia*.

Ao assumir a José Olympio, oriunda da assessoria de imprensa da editora, Maria Amélia Mello já havia fundado e comandado, a convite de Ênio Silveira, o departamento de comunicação da Civilização Brasileira, além de ter editado por sete anos o “Suplemento Literário” da *Tribuna da Imprensa*, de onde saiu em 1980 para dirigir, sob o comando de Rubem Fonseca, O Centro de Cultura Alternativa/RioArte, órgão da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Ao deixar a iniciativa, havia reunido mais de 5 mil itens, entre jornais, revistas e discos, hoje pertencentes ao Arquivo Geral do Rio de Janeiro. Também já era autora de, entre outros, *Às oito, em ponto*<sup>6</sup>, vencedor do Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. No ano 2000, seu conto “Flor de Cerrado” foi selecionado para o livro *Os cem melhores contos brasileiros do século*<sup>7</sup>.

Ao longo de 20 anos, o projeto de resgate levado adiante por Maria Amélia virou a marca principal da casa editorial que, ao longo de sua história, abrigou nomes como João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Até que em dezembro de 2014 os jornais noticiaram que ela deixaria a José Olympio. Mas errou quem pensou que, às vésperas de completar quatro décadas de mercado editorial, Maria Amélia se aposentaria. Menos de dois meses depois de deixar a JO, ela confirmou que assumiria como editora literária na mineira Autêntica.

A mudança de endereço não alterou a vocação principal de Maria Amélia Mello: “inventar livros”. Seja pelo resgate de obras e autores esquecidos, casos de Maura Lopes Cançado (1929-1993)<sup>8</sup> e Victor Giudice (1934-1997)<sup>9</sup>, seja por novas perspectivas, como *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em*

---

<sup>5</sup> PRATA, M. Onde andará o primo Campos de Carvalho?. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 nov. 1994. Caderno 2, p. 59. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19941130-36932-nac-0059-cd2-d7-not>. Acesso em 12 dez. 2018.

<sup>6</sup> MELLO, M. A. *Às oito em ponto*. São Paulo: Editora Max Limonad, 1984.

<sup>7</sup> Idem. Cf. \_\_\_\_\_. Flor do cerrado. In. MORICONI, Ítalo. (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 459-463.

<sup>8</sup> Sob o comando de Maria Amélia Mello, a Autêntica lançou no fim de 2015 uma caixa reunindo os dois livros publicados pela autora mineira: *Hospício é Deus: Diário I*, de 1965, e *O sofredor do ver*, de 1968.

<sup>9</sup> Está previsto para este ano de 2018 o lançamento do livro “Todos os contos de Victor Giudice”, que, como o título sugere, irá reunir todos os contos publicados pelo escritor niteroiense.

*fragmentos*<sup>10</sup>, de Beatriz Resende, ou pela reunião de inéditos em livro, como acontecerá com *Espantinho inquieto*, previsto para ser lançado neste ano, com a fortuna crítica de Campos de Carvalho, ou a caixa *Rubem Braga – Crônicas*<sup>11</sup>, lançada em 2016, reunindo mais de 700 textos, em três volumes, organizados por André Seffrin, Carlos Didier e Bernardo Buarque de Hollanda, ganhadora do Prêmio Jabuti 2017. Maria Amélia Mello veio a São Paulo para receber o prêmio no dia 30 de novembro e nos concedeu esta entrevista.

### **A literatura parece estar desde sempre em sua vida. Você se lembra de como foi seu primeiro contato com ela?**

Eu fui morar com meus pais de frente para o mar, na Avenida Atlântica, no Rio, e quando fomos ver o apartamento, que estava vazio, eu corri para a janela. Minha mãe, assustada, correu junto. Ela chegou perto e viu que eu estava falando. Ela me perguntou: “você está falando sozinha, Maria Amélia?” Eu respondi: “não, mãe, estou fazendo poesia para o mar”. Eu, evidentemente, não tenho a menor lembrança disso, mas ela me contou por achar a história engraçada e porque isso vai se repetir ao longo da minha vida. Eu aprendi a ler antes de ir à escola, e aos 8 anos eu já estava escrevendo, fazendo poemas. E depois eu comecei não só a escrever, mas organizar, fiz um livrinho, com índice, pedi prefácio. Mas o meu primeiro contato mais “profissional”, entre aspas, foi no Colégio Bennett, quando eu tinha 14 ou 15 anos, e tive que entrevistar um escritor. Havia um sorteio organizado pela professora Maria Luíza César, Mariazinha, que pelo sobrenome você pode imaginar de quem ela era mãe, de Ana Cristina César. No sorteio, caiu para mim Fernando Sabino. Eu liguei para ele e combinamos na porta da Biblioteca Nacional. Me lembro bem da data porque nesse dia, 18 de julho de 1967, morre Castelo Branco, num desastre de avião voltando da fazenda “Não me deixes”, em Quixadá, de Rachel de Queiroz, que depois seria minha grande amiga. Fiz a entrevista, ele super paciente, me deu uma coleção de livros que eu tenho até hoje. Alguns meses depois da entrevista, eu ligo para ele, que já não se lembrava bem de mim, mas se mostrou super interessado, perguntou se tinha ido bem na prova. Eu disse: “foi legal, mas estou te ligando porque eu achei um erro no seu livro”. Ele disse: “ah, como uma menina de ginásio achou um erro no meu livro?” Eu disse: “eu achei engraçado, porque eu li *A cidade vazia* e li *O encontro marcado* e tem um trecho igualzinho de um para o outro”. Ele disse: “não é possível. Me diz em que edição está”. Eu não sabia nem o que era edição. Ele ficou mudo do outro lado e disse: “todo mundo já leu, o livro é de 1956 [e nós já estávamos em 1967], é exatamente igual e eu nunca me dei conta”. Ele perguntou: “como você sacou isso?” Eu disse: “eu guardei porque achei tão bonito, que aquilo ficou na minha cabeça”. Lá na frente, anos depois, eu contei a ele que ia lançar meu

---

<sup>10</sup> RESENDE, B. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

<sup>11</sup> BRAGA, R. *Crônicas*. Os moços cantam & outras crônicas sobre música; Bilhete a um candidato & outras crônicas sobre política brasileira; Os segredos todos de Djanira & outras crônicas sobre arte e artistas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

primeiro livro, *Compasso de espera*<sup>12</sup>, um livro de ginásio, com poemas da adolescência, rodado em mimiógrafo, e ele levou para o *Jornal do Brasil*, para a Marina Colasanti, que era a editora, e saiu a primeira matéria sobre mim, sobre o livro, no *Jornal do Brasil*. E ele me disse: você vai entrar para essa área, você tem o olho bom para isso. Então talvez formalmente esse tenha sido o primeiro contato.

**Esse perfil voltado à organização, preservação e catalogação de produções literárias vem desde quando? E como começou?**

Eu acho que desde sempre. Todas as fotos na minha casa tinham que ter data, os nomes das pessoas, identificação, porque era uma memória. Então tudo que eu fiz, tudo que eu leio, quando eu acabo de ler, eu ponho a data. Eu até mostrei outro dia para a Luiza, filha do Graciliano Ramos, a edição de *Vidas Secas* que li no Ginásio, e ela riu muito, porque eu fiz um glossário com palavras que eu não conhecia. Eu sempre estive muito atenta à importância de preservar as coisas. E me tornei uma colecionadora. Eu tenho prazer de saber que tenho a primeira edição de um livro. E lidando com os herdeiros todos, por causa da José Olympio, eu ganhei muita coisa, então eu tenho muitas primeiras edições. Mas sou uma colecionadora afetiva, amorosa. Eu não quero viver no passado, quero olhar para a frente, não é uma melancolia, mas há momentos que foram tão bons. Então desde sempre a memória é uma coisa importante.

**Ainda que já voltada à literatura, você iniciou sua vida profissional na imprensa. Como passou de jornalista a editora?**

Por causa do “Suplemento Literário” da *Tribuna da Imprensa*, acabei chamando a atenção do mercado editorial. O Ênio Silveira então me procurou e convidou para montar um departamento de assessoria de imprensa na Civilização Brasileira, onde fiquei por dois anos, de 1978 a 1980. A mesma coisa na José Olympio, também na assessoria de imprensa; mas comecei a dar palpites, sugerir livros a serem editados pela casa. Nos anos 1990, o mercado estava se profissionalizando, e isso coincide com a entrada de muitos jornalistas no mercado editorial, o que foi fundamental, pois deu um tempo de urgência, prazo e networking dentro da editora. Era o momento de chegada de empresas estrangeiras ao Brasil, início também da participação em feiras de livros no exterior. E a José Olympio queria ter um editor. Antes desse momento de profissionalização, o dono da editora era o editor. Seguindo uma sugestão da própria José Olympio, fui estudar marketing. E comecei a pensar na minha experiência do outro lado do balcão, no jornalismo literário. Fiz então um projeto, apresentei à José Olympio, e eles me escolheram. E o projeto era a volta às origens da casa, à literatura brasileira, uma volta à própria história.

---

<sup>12</sup> MELLO, M. A. *Compasso de espera*. Rio de Janeiro: Premium, 1973.

**Então o resgate de alguns autores, marca da José Olympio nos últimos anos, estava no centro do projeto que você apresentou à editora?**

Sim, ali havia um projeto determinado. Trazer autores, como o Ferreira Gullar, meu grande amigo por décadas; mas, em princípio, [o projeto] era buscar autores que tinham sido do catálogo da casa: Ariano Suassuna, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Campos de Carvalho, Antonio Callado, Aníbal Machado, Mario Palmério, Raul Bopp, Cassiano Ricardo, Francisco de Assis Barbosa, José Cândido de Carvalho, Augusto Meyer, Viana Moog etc. Então houve esse projeto que eu fui buscar. Eu lidava com tantos herdeiros, que fiz árvore genealógica de alguns, para saber quem respondia pela obra. E eu tenho prazer enorme em conversar com essas pessoas, que têm uma história fantástica, lidaram com coisas que estão no meu imaginário. Por exemplo, você conhecer o Raul Bopp, como eu conheci, já velhinho, autor de um grande clássico, *Cobra Norato* – que eu editei. Ele me contou o Modernismo ao vivo, na visão dele, coisas que nem nos livros estão.

**Depois de tantos anos à frente da José Olympio, o que te fez mudar para a Autêntica?**

Foram várias coisas, a primeira delas uma tragédia. Minha assistente por 16 anos, Soraya Araújo, morre atropelada saindo de lá, da Record. Isso para mim foi um impacto enorme. Eu era muito próxima dela. Aquilo foi uma tragédia. Eu que a contratei e a levei comigo quando a Record comprou a José Olympio. Eu podia levar uma única pessoa, e a escolhi. E ao chegarmos na Record, era tudo novo, uma empresa enorme – com várias frentes –, então nós nos unimos muito, porque ao longo de muitos anos a José Olympio foi só nós duas. Ela tinha 52 anos. Aquilo pra mim teve um impacto enorme. Mas eu já tinha falado com ela que eu estava encerrando um ciclo ali. Havia um desgaste natural de 30 anos de intensa relação, tempo em que me dediquei imensamente a essa empresa. Eu conheci o velho José Olympio, que me mandava bilhetinhos pedindo coisas, e eu tenho esses bilhetinhos todos guardados. Então acho que chega uma hora em que o ciclo se encerra, que há a sensação de dever cumprido. Pedi para sair em setembro de 2014, fiquei até dezembro de 2014. Surgiu esse convite da Autêntica, da Rejane Dias, e eu pensei: “puxa vida, mineira, fora do eixo, um processo editorial muito interessante, os livros são muito bonitos, faz coisa que ninguém faria, com capricho nas coisas que faz”. Ela me chamou, conversamos. E eu gostei.

**O jornal *O Globo*, quando anunciou que você estava trocando a José Olympio pela Autêntica, destacou que um dos seus objetivos era justamente resgatar autores esquecidos. Por quê?**

Foi, de certa forma, o que eu fiz na José Olympio. Mas como eu já tinha feito um resgate específico na José Olympio, por que lá havia um catálogo no qual você se inspira e vai... Por exemplo, Santa Rosa, que era o capista de Zé Lins; você recupera toda a obra de Santa Rosa e refaz os livros de Zé Lins, isso não seria possível na Autêntica, não seria o caso, e eu nem iria querer fazer, de pegar aquilo ali e simplesmente trazer para outra editora. Eu queria partir daquela experiência, de autores clássicos que em algum momento a obra, por algum motivo, ficou esquecida. Um exemplo é a Maura Lopes

Cançado. Eu tinha lido a Maura lá atrás, e ela me chamou tanto a atenção que aos 21 anos eu fui ao sanatório para visitá-la. Eu tinha a primeira edição e pensava porque nunca ninguém tinha pensado em reeditá-la. Ela tinha o que dizer. A caixa é um sucesso e já tem inclusive a opção para ir para o cinema. Depois também obras de escritores tão importantes quanto Rubem Braga, onde poderíamos achar coisas inéditas. Então a gente pensou em fazer temática: música, política e artes plásticas, e deu uma caixa linda, que é um projeto diferente. Então a gente recupera autores, a gente tematiza a obra. Aí tem também o Victor Giudice, que é um baita escritor, que foi meu amigo, com quem convivi até o final, muito talentoso. Ele tem um conto chamado “O museu Darbot”, que é uma obra prima. E eu estou tendo a oportunidade de recuperar toda a obra. Meu grande desafio é inventar livro.

### **Nesses 40 anos, o mercado editorial mudou muito? Para melhor ou para pior?**

Muito, muito, muito. Para melhor. Hoje é um mercado instigante, competitivo, profissional, criativo, e tem que ser, porque para fazer qualquer coisa nesse país e manter sua empresa no azul é um esforço muito grande. E as mudanças todas vieram só a enriquecer, e exigiram dos profissionais uma renovação, assim como dos escritores também, que hoje têm que participar dos eventos, fazer uma aproximação com os leitores – que querem saber o que os escritores pensam.

### **Isso não pode ser ruim, quando o leitor se volta mais à figura do escritor do que à sua obra?**

É difícil; há a tendência de se confundir um pouco, mas é inevitável e é natural. Mas eu acho que essas mudanças todas só podem ser para melhor. O mercado editorial hoje é um mercado potente, com todas as dificuldades, mas hoje tem editoras que são fortes, que empregam muita gente. E eu vejo isso dando aula. Há uma quantidade enorme de gente querendo entrar no mercado editorial. Antes, a gente entrava por acaso, de maneira amadora, intuitiva. Hoje em dia não, hoje os melhores profissionais de cada área têm uma agenda de trabalho, têm uma programação editorial, o que permite trabalhar aquilo em mídia e divulgação. Houve também uma grande transformação no aspecto gráfico, de design, dos livros, que hoje são muito mais bonitos. Houve uma evolução enorme.

### *Referências bibliográficas*

BRAGA, Rubem. *Crônicas*. Os moços cantam & outras crônicas sobre música; Bilhete a um candidato & outras crônicas sobre política brasileira; Os segredos todos de Djanira & outras crônicas sobre arte e artistas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: Diário I e O sofredor do ver*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

CARVALHO, Campos de. *O púcaro búlgaro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

MELLO, Maria Amélia. *Às oito em ponto*. São Paulo: Editora Max Limonad, 1984.

\_\_\_\_\_. *Compasso de espera*. Rio de Janeiro: Premium, 1973.

\_\_\_\_\_. Flor do cerrado. In: MORICONI, Ítalo. (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 459-463.

MOISÉS, Carlos Felipe. Estará Campos de Carvalho exilado na Bulgária?. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 4 set. 1994. Caderno de Sábado, p. 4.

\_\_\_\_\_. Um autor marginal que de fato incomoda. In: CARVALHO, Campos de. *A lua vem da Ásia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 9-15.

PRATA, Mário. Onde andará o primo Campos de Carvalho?. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 nov. 1994. Caderno 2, p. 59. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19941130-36932-nac-0059-cd2-d7-not>. Acesso em 12 dez. 2018.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

Recebido em: 28 de fevereiro de 2018

Aceito em: 21 de novembro de 2018